

O feminismo e estereótipo de gênero: desconstrução de narrativas midiáticas

Autores: Vitória Leitão de Andrade¹, Marilda Franco de Moura²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹vitoria-l.andrade@outlook.com - Jornalismo, ²marilda.moura@baraodemaua.br

Resumo

O presente artigo foi construído para relacionar o feminismo e o estereótipo do gênero a partir da ideia de desconstrução de narrativas midiáticas.

O projeto foi desenvolvido com base nos métodos comparativo e de análise de conteúdo, tendo a revisão bibliográfica como forma de estudo da obra analisada.

O levantamento buscou entender e traçar o perfil que os veículos de mídia de alcance nacional utilizam ao noticiarem feminicídios e outros tópicos que permeiam o estereótipo de gênero.

Introdução

Historicamente, o papel da mulher na sociedade era acompanhar e servir o homem, mesmo sem vontades e sem sentimentos. Este era o seu destino perante os detentores do poder patriarcal. O presente artigo, de caráter exploratório e bibliográfico, se propõe a oferecer um panorama geral utilizando como objeto de pesquisa a obra *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida*: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira, das autoras Niara de Oliveira e Vanessa Rodrigues, publicada em 2021, que motivou o aprofundamento do tema no que se refere a representação feminina em veiculações de casos de feminicídio para a construção e desconstrução de narrativas midiáticas.

Objetivos

A presente pesquisa tem como principal objetivo compreender a representação feminina perante a mídia, construindo um paralelo como o jornalismo aborda essas veiculações e como elas deveriam ser realizadas de forma assertiva.

Materiais e Métodos

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, foram utilizados os métodos comparativo e de análise, tendo a revisão bibliográfica como base. A obra *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida*: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira, das autoras Niara de Oliveira

e Vanessa Rodrigues, publicada em 2021, foi parte essencial para a realização do projeto, visto que foi utilizada como parte do objeto de pesquisa.

O método de análise de conteúdo, apresentado por Laurence Bardin, em sua obra de mesmo nome, tem como foco o entendimento e a interpretação de conteúdos que compõem os fenômenos da vida social como agentes de comunicação, conforme conceituado por ela como:

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados (Bardin, 1977, p.14).

Para que se entenda a relação para além do conteúdo veiculado nas manchetes que retratam o feminicídio no Brasil, levando em consideração a construção do discurso utilizado nas produções textuais, dando enfoque às ideias utilizadas como embasamento para referenciar a análise do discurso, é necessário o entendimento da origem do jornalismo e sua trajetória até o ponto analisado.

Jornalismo

O jornalismo como *mass media*, ou imprensa, foi realizado pela primeira vez na história da profissão durante o século XIX, a partir do crescimento do consumo de jornais neste período, com a mudança de foco do veículo para o fornecimento de informações e não apenas como forma de propaganda (Traquina, 2014).

Nelson Traquina, professor, pesquisador e autor de diversos livros e coletâneas de estudos sobre jornalismo, discorre sobre o tema em sua obra *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*, dizendo que:

[...] no século XIX, verificamos a emergência de um novo paradigma - informação, não propaganda - que é partilhado entre os membros da sociedade e os jornalistas; a constituição de um novo grupo social - os jornalistas - que reivindica um monopólio do saber - o que é notícia; e a comercialização da imprensa - a informação como mercadoria, visível com o surgimento da

uma imprensa mais sensacionalista nos fins do século, aquilo que se chamou o "jornalismo amarelo" nos Estados Unidos (Traquina, 2014, p.34).

O termo utilizado por Traquina para definir a imprensa da época conceitua uma fase da profissão reconhecida pelo sensacionalismo, utilizando elementos ou informações apelativas em determinado conteúdo com o objetivo comercial, a fim de atrair mais leitores.

O sensacionalismo pode ser conceituado como uma

[...] superexposição da violência por intermédio da cobertura policial e da publicação de fotos chocantes, de distorção, de mentiras, e da utilização de uma linguagem composta por gírias e palavras (Amaral, 2005, p. 2).

Feminicídio

Entende-se como feminicídio o crime cometido contra mulheres pelo fato de serem mulheres. O crime é conceituado juridicamente como "todo homicídio praticado contra a mulher por razões da condição do gênero feminino e em decorrência da violência doméstica e familiar, ou por menosprezo ou discriminação à condição de mulher", pelo Tribunal de Justiça do Estado do Paraná.

A Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher, define, em um de seus relatórios, o termo feminicídio como "a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte".

No Brasil, a lei de nº 13.104/2015, popularmente conhecida como Lei do Feminicídio, foi sancionada no ano de 2015, e prevê que o feminicídio seja julgado como crime hediondo, com penas que podem variar de 12 a 30 anos.

Entretanto, dados apresentados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no último dia 7 de março mostram que 1.463 mulheres foram mortas no Brasil em 2023. Este total soma seis mortes diárias no país.

O resultado da pesquisa aponta que os casos de feminicídio cresceram cerca 1,6% se comparado ao mesmo período de 2022; sendo esse o maior número de casos já registrados desde a criação da lei, em 2015.

Nos casos analisados durante o proposto artigo, foi possível notar a repetição de situações onde foram parceiros, ou homens que tinham algum contato com vítimas, quem assassinaram essas mulheres. E em larga escala, dados disponibilizados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), mostram que dos 1.440 casos de feminicídio registrados no Brasil em 2022, 73% dos crimes foram cometidos por parceiros ou ex-parceiros das vítimas; 10,7% das mulheres foram assassinadas por algum familiar; em 8,3% dos casos de

feminicídios ocorridos naquele ano os autores eram desconhecidos; e 8% dos casos foram executados por conhecidos das vítimas.

Representação feminina na mídia

Atualmente, após o período do chamado "jornalismo amarelo", o sensacionalismo ainda se faz presente em parte das veiculações midiáticas no Brasil. Na linguagem jornalística, é comum o uso da ordem direta, composta por sujeito, verbo e predicado, respectivamente, para elaborar um título ou um lide que informe o expectador de maneira eficaz.

Porém, durante a veiculação de notícias que envolvam o assassinato de mulheres, é recorrente a inversão da ordem estabelecida, a fim de minimizar ou 'desculpabilizar' o agressor de suas ações ao não elaborar uma frase que diga claramente que o indivíduo feriu ou matou uma mulher.

O autor Luiz Carlos Pereira Junior descreve em sua obra *Guia para a edição jornalística*, publicada em 2006, questões sobre a cobertura de tragédias pelo olhar jornalístico, trazendo a sensibilidade e a necessidade do respeito, não só, mas durante essas coberturas, ao dizer que:

[...] a urgência de não perder uma informação (porque temos compromisso com o público) está a um passo coberturas insensíveis e ofensivas (porque não vemos o compromisso com as fontes, mesmo as vítimas) (Pereira Junior, 2006, p. 75).

Na obra *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira* (2021), e analisada durante a execução da presente pesquisa, as autoras discorrem sobre este fato, em apontamentos como o uso da voz passiva para minimizar o fato ou a possível motivação do crime, como justificativa das ações do agressor.

Laurence Bardin, professora e autora da obra *Análise de Conteúdo*, publicada no ano de 1977, faz alusão ao fenômeno ocorrido durante a representação feminina na mídia ao propor um método de pesquisa que pode ser entendido como a análise de conteúdo realizada por diferentes aspectos, como a análise das relações, do discurso e das expressões, dentre outros.

A autora defende em sua tese que:

[...] por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar" (Bardin, 1977, p.14).

Por isso, durante a realização da pesquisa, foram analisados pontos apresentados por Bardin para

entender a atuação da mídia brasileira na cobertura de casos de feminicídio, e comparar os levantamentos presentes sobre os casos analisados na obra de Oliveira e Rodrigues com manchetes reais que retratem estes casos.

Para Bardin, a construção semântica de uma oração pode alterar o sentido agregado a ela, conforme descrito no trecho de sua obra que diz que

[...] a análise toma em consideração a presença, mas também a ausência (omissões «cegueira lógica») dos indicadores conforme os casos (Bardin, 1977, p.190).

Entende-se por este excerto a influência que a colocação e a escolha das palavras podem ter na veiculação de notícias, e conseqüentemente em seu entendimento por parte do público.

A autora defende que

[...] a comunicação é encarada como um instrumento de influência. O importante é o que é veiculado pela mensagem, estando definido o seu contexto e circunstâncias (Bardin, 1977, p.191).

Resultados e Discussões

Para a proposta de execução da presente pesquisa foram analisadas veiculações acerca de três crimes de feminicídio ocorridos e noticiados no Brasil em diferentes períodos.

O livro *Histórias de morte matada contadas feito morte morrida*: A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira, lançado em 2021 por Niara de Oliveira e Vanessa Rodrigues, foi utilizado como parâmetro para a análise das manchetes escolhidas para o desenvolvimento do trabalho.

Em determinado ponto da obra, as autoras discorrem sobre o conceito de “feminicídios afetivos”, definindo-os como aqueles casos que ficam marcados na memória. Para Oliveira e Rodrigues:

[...] essa ligação afetiva se deu também pela revolta contra as formas das narrativas escolhidas pela imprensa, muito antes de conseguirmos racionalizar ou organizar esse pensamento como uma crítica concreta (Oliveira e Rodrigues, 2021, p.12).

Em um cenário onde, no último ano, seis mulheres foram mortas por dia no Brasil, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a escolha dos casos foi feita a partir do conceito apresentado previamente, já que em apenas metade de um dia de 2023 seria possível listar todos os casos utilizados na pesquisa.

Para maior entendimento das problemáticas apresentadas durante o desenvolvimento deste trabalho, foi de extrema importância a óptica de Laurence Bardin no que se refere à análise de conteúdo, com enfoque nos tópicos de análise de discurso, de expressões, e das relações apresentadas, conforme escrito pela autora em sua obra *Análise de Conteúdo*, publicada no ano de 1977.

No que diz respeito à análise de discurso, é importante destacar e contextualizar pontos que serão posteriormente citados. Para Bardin,

[...] o discurso está situado e determinado não só pelo referente como pela posição do emissor nas relações de força e também pela sua relação com o receptor (Bardin, 1977, p.214).

É possível trazer esta citação para os casos analisados por meio do conhecimento do recorrente juízo de pertencimento e posse que os agressores têm sobre as vítimas, de forma que até durante a veiculação das notícias que envolvam este tipo de comportamento, a mulher é comumente representada com tom de dependência ou submissão sob o agressor.

Entende-se como emissor, nas palavras de Bardin, aquele indivíduo que emite algo, ou no caso do feminicídio, aquele quem comete o crime, ao passo que o receptor pode ser entendido, neste contexto, como as vítimas.

Reforçando a ideia apresentada acima, no tocante ao papel da mulher frente ao homem nestas veiculações midiáticas, Bardin também discorre em sua obra sobre o fato de que

[...] o emissor e o receptor do discurso correspondem a lugares determinados na estrutura de uma formação social (Bardin, 1977, p.214).

Com tais pontos apresentados, seguem as análises propostas.

Caso Eliza Samudio

Com uma longa cronologia, contando com desaparecimento da modelo Eliza Samudio, de 25 anos, há mais de um mês, diferentes versões do mesmo caso, bem como diferentes envolvidos, no dia 9 de julho de 2010, o goleiro e capitão do Flamengo, Bruno Fernandes, na época com 26 anos, foi preso acusado pelo sequestro e pelo feminicídio de Eliza, sua ex-namorada, com quem tinha um filho recém-nascido. Na ocasião, outras oito pessoas também foram indiciadas pelo crime. Eliza foi agredida, sequestrada, mantida em cárcere privado, assassinada, e seu corpo nunca foi encontrado, tendo algumas versões de depoimentos dos suspeitos de que o corpo da

modelo teria sido esquartejado e dado como alimento para os cães da propriedade de Bruno. O caso, amplamente veiculado pela mídia brasileira, teve diversos desdobramentos, e apenas em 2013, três anos depois do ocorrido, Bruno confessou o crime perante as autoridades. Ainda que indiciado em 2013 há vinte e três anos e nove meses de prisão por cárcere privado, sequestro, corrupção de menores, homicídio e ocultação de cadáver, Bruno Fernandes, assim como os demais participantes da morte de Eliza estão em liberdade há alguns anos durante o desenvolvimento da presente pesquisa. A cobertura midiática do caso, assim como todo o seu desdobramento, foi marcada por julgamentos morais que buscavam motivações para o crime, além de manchetes que ‘eufemizam’, ou diminuem a culpa dos envolvidos.

Figura 1 – Manchete do *Jornal Extra* sobre o caso Eliza Samudio



Fonte: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/caso-bruno-goleiro-admite-pela-primeira-vez-que-ex-amante-foi-morta-incrimina-macarrao-bola-7765789.html>

Figura 2 – Manchete do *Jornal do Brasil* sobre o caso Eliza Samudio



Fonte: <https://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/07/06/ex-amante-de-bruno-esta-morta.html>

Em ambas as manchetes, publicadas com cerca de três anos de diferença entre si, a postagem feita pelo *Jornal Extra* em 07/03/2013, representada na figura 1, e a notícia divulgada pelo *Jornal do Brasil* em um período recente ao ocorrido, 06/07/2010, mostrada na figura 2, apontam o julgamento moral

em representar Eliza como “ex-amante”, sem ao menos citar o seu nome.

Outro ponto relevante a ser mencionado sobre a manchete exibida na figura 1 é o fato de que ainda que Bruno seja o culpado e Eliza seja a vítima, além de não citarem o nome dela, ainda identificam o ocorrido como “Caso Bruno”, direcionando o foco de atenção para o goleiro ao invés da vítima.

Já no exemplo abaixo, publicado pela *Folha de São Paulo* em 08/07/2010, e identificado como figura 3, pode-se notar que Bruno é citado no título como estando preso após morte de sua ex, e não como culpado ou envolvido no crime, retirando assim sua culpa na situação, dando a interpretação de que os dois casos, a prisão e a morte da ex, podem ser isolados entre si.

Figura 3 – Manchete do jornal *Folha de São Paulo* sobre o caso Eliza Samudio



Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/763732-presos-apos-morte-da-ex-goleiro-bruno-se-preocupa-com-a-copa-2014.shtml>

Caso Tatiane Spitzner

A advogada Tatiane Spitzner, de 29 anos, foi assassinada pelo marido, que a jogou pela sacada do 4º andar do apartamento onde moravam.

O crime aconteceu em julho de 2018, na cidade de Guarapuava, no Paraná.

Luis Felipe Manweiler, culpado pela morte de Tatiane, foi condenado em 2021 a cumprir 31 anos e 9 meses de pena pelo crime que se enquadrava como feminicídio, crime com motivo fútil, meio cruel e asfixia.

Segundo os tópicos apresentados durante a obra utilizada para o desenvolvimento da presente pesquisa, um exemplo de veiculação assertiva sobre o crime foi a publicação feita pelo G1 em 10/05/2021, ao citar o motivo pelo qual Luis Felipe foi preso, não ocultando sua culpa na morte de Tatiane, como mostrado na figura 4.

Figura 4 – Manchete do portal G1 sobre o caso Tatiane Spitzner



Fonte:

<https://g1.globo.com/google/amp/pr/campos-gerais-sul/noticia/2021/05/10/caso-tatiane-spitzner-luis-felipe-manvailer-e-condenado-por-matar-a-esposa.ghtml>

Em contrapartida, a manchete publicada pelo *Jornal Brasil de Fato*, em 11/05/2021, veiculando o mesmo fato, deixa subentendido quem foi a vítima do assassinato citado na matéria, como mostrado abaixo, na figura 5.

Figura 5 – Manchete do *Jornal Brasil de Fato* sobre o caso Tatiane Spitzner



Fonte:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/11/caso-tatiane-spitzner-marido-e-condenado-a-31-anos-de-prisao-por-assassinato>

Mais um exemplo de manchete onde o assassino de Tatiane não é citado como culpado pela morte da advogada não só no título, mas também na linha fina da matéria, é a publicação feita pelo R7 em 10/05/2021, quando Luis Felipe foi condenado por feminicídio, como indicado na figura a seguir, 6.

Figura 6 – Manchete do R7 sobre o caso Tatiane Spitzner



Fonte: <https://noticias.r7.com/cidades/caso-tatiane-spitzner-luis-felipe-manvailer-e-condenado-a-31-anos-10052021?amp>

Na obra analisada para a construção desta pesquisa, as autoras reservam um capítulo para abordarem sobre a forma como a imprensa se utiliza de diferentes meios para veicular um feminicídio como qualquer outro ocorrido. Para isso, Oliveira e Rodrigues, discorrem que essa prática resulta em casos onde:

[...] um assassino tratado com mais humanidade que a sua vítima e um feminicídio parecendo ser qualquer outra coisa menos o assassinato deliberado e intencional de uma mulher - esse ser que já nasce culpado por todos os males da Terra (Oliveira e Rodrigues, 2021, p.236).

Caso Daniella Perez

Assim como o caso de Eliza Samudio, o caso da jovem Daniella Perez teve grande repercussão na época por envolver figuras conhecidas na mídia. A atriz Daniella Perez, filha da autora Gloria Perez, foi assassinada aos 22 anos por Guilherme de Pádua, seu parceiro de cena em uma novela, no ano de 1992, com a ajuda da mulher com quem se relacionava na época.

O crime chocou o país por sua brutalidade, já que Daniella foi morta a facadas e teve seu corpo encontrado em um matagal do Rio de Janeiro, e pelo fato de que o assassino, e sua cúmplice, cumpriram apenas cerca de um terço das penas propostas em julgamento, sendo 19 anos para Guilherme de Pádua, e 15 anos para Paula Thomaz, envolvida no crime.

Figura 7 – Manchete do jornal *O Globo* sobre o caso Daniella Perez



Fonte:

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/11/caso-daniella-perez-relembre-o-assassinato-cometido-por-guilherme-de-padua-em-1992.ghtml>

Na manchete publicada pelo jornal *O Globo* em 07/11/2022, após 30 anos do ocorrido, indicada como figura 7, é possível notar a menção correta a Guilherme de Pádua, bem como na linha fina, o citando como aquele quem cometeu o assassinato de Daniella.

Publicada em 07/11/2022 pelo Estadão, a notícia sobre a morte de Guilherme de Pádua, assassino de Daniella Perez, ocorrida no dia 06/01/2022, também traz em sua manchete o fato de que o ex-ator foi o responsável pela morte de Daniella.

Figura 8 – Manchete do jornal *Estadão* sobre o caso Daniella Perez



Fonte: <https://www.estadao.com.br/brasil/morre-guilherme-de-padua-assassino-da-atriz-daniella-perez-aos-53-anos/>

Conclusões

A presente pesquisa teve como propósito abordar questões referentes ao estereótipo do gênero a partir da ideia de desconstrução de narrativas midiáticas, com a realização de análises que buscaram compreender a representação feminina perante a mídia em casos criminais definidos como feminicídio.

A partir das coletas de dados e análises realizadas durante o mês de dezembro de 2023, foi possível observar um padrão na veiculação de notícias que retratam esses casos.

Tal padrão vai além da ideia de minimizar a culpa do agressor, chegando a um nível de desumanização da vítima, de forma que todo e qualquer comportamento – até a morte daquela mulher – seja justificável quando colocado determinado ponto de vista sob atenção.

A utilização da metodologia de análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin, foi

essencial para embasar e explicar a origem dos erros cometidos em diversos casos retratados pela mídia brasileira.

A motivação para abordar um tema que contém vieses sociais e profissionais, como mulher, e jornalista em formação, se deu pela visualização da recorrência de casos onde a figura feminina, mesmo que depois de morta, é desacreditada e diminuída pela mídia, em especial a do Brasil, onde a pesquisa se concentrou.

O feminismo e o estereótipo do gênero podem relacionar-se diretamente com os tópicos abordados durante a realização do presente projeto, isso por que a forma com que a mulher é representada em manchetes que noticiam a sua morte ainda da margem para interpretações que alteram a narrativa do fato ocorrido, que pode ser, na maioria dos casos, resumido ao dizer que um homem matou uma mulher.

Trazendo casos de diferentes épocas, 1992, 2010 e 2018, pode-se notar que as narrativas midiáticas se mantêm durante todos os períodos, não tendo uma evolução no tocante representação feminina nos casos de feminicídio, bem como a disposição de responsabilidades e no respeito à memória das vítimas.

Quanto à motivação dos veículos de notícia analisados, bem como outros, o sensacionalismo e os tempos de “jornalismo amarelo” podem ser colocados novamente em pauta como uma justificativa para tais ações, a fim de buscar um maior público, ainda que por meio de veiculações tendenciosas e não explícitas.

Com isso, conclui-se que a relação entre o feminismo e o estereótipo do gênero a partir de construções e desconstruções de narrativas midiáticas, podem ser recortadas para a esfera abordada no presente artigo, comprovando pontos que mostram o quanto ainda é preciso aperfeiçoar as narrativas apresentadas ao público, de forma que a informação seja passada à sociedade com o papel fundamental do jornalismo, sendo aquele quem faz a mediação entre o fato e aquele que o receberá.

Desta forma, vê-se a necessidade da prática jornalística cada dia mais alinhada não apenas com os critérios de noticiabilidade conhecidos pelos profissionais, como relevância ou exclusividade da informação, por exemplo, mas também critérios como

Referências

AMARAL, M. F. **Sensacionalismo, um conceito errante**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, p. 103–116, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4212>. Acesso em: 15 dez. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, 70, 1977.

OLIVEIRA, N; RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida**: a narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. Drops Editora, 2021.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **Guia para a edição jornalística**. Editora Vozes, 2006.
Preso após morte da ex, goleiro Bruno se preocupa com a Copa-2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/763732-presos-apos-morte-da-ex-goleiro-bruno-se-preocupa-com-a-copa-2014.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

Postagens

Brasil de Fato. Caso Tatiane Spitzner: marido é condenado a 31 anos de prisão por assassinato. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/05/11/caso-tatiane-spitzner-marido-e-condenado-a-31-anos-de-prisao-por-assassinato>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Estadão. Morre Guilherme de Pádua, assassino da atriz Daniella Perez, aos 53 anos. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/brasil/morre-guilherme-de-padua-assassino-da-atriz-daniella-perez-aos-53-anos/>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

Extra. Caso Bruno: goleiro admite pela primeira vez que ex-amante foi morta, e incrimina Macarrão e Bola. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/caso-bruno-goleiro-admite-pela-primeira-vez-que-ex-amante-foi-morta-incrimina-macarrao-bola-7765789.html>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

Folha de S. Paulo. Preso após morte da ex, goleiro Bruno se preocupa com a copa-2014. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/763732-presos-apos-morte-da-ex-goleiro-bruno-se-preocupa-com-a-copa-2014.shtml>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

G1. Brasil registra 1.463 feminicídios em 2023, alta de 1,6% em relação a 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/politica/noticia/2024/03/07/brasil-feminicidios-em-2023.ghtml>>. Acesso em: 10 mar. 2024.

Jornal do Brasil. Ex-amante de Bruno está morta. Disponível em: <<https://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/07/06/ex-amante-de-bruno-esta-morta.html>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

O Globo. Caso Daniella Perez: relembre o assassinato cometido por Guilherme de Pádua em 1992. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/11/caso-daniella-perez-relembre-o-assassinato-cometido-por-guilherme-de-padua-em-1992.ghtml>>. Acesso em: 18 dez. 2023.

O Globo. Caso Tatiane Spitzner: Luis Felipe Manvailer é condenado a 31 anos de prisão por matar a esposa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/google/amp/pr/campos-gerais-sul/noticia/2021/05/10/caso-tatiane-spitzner-luis-felipe-manvailer-e-condenado-por-matar-a-esposa.ghtml>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

R7. Caso Tatiane Spitzner: Luís Felipe Manvailer é condenado a 31 anos. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/caso-tatiane-spitzner-luis-felipe-manvailer-e-condenado-a-31-anos-10052021?amp>>. Acesso em: 12 dez. 2023.